

INSERÇÃO PRECOCE NA ODONTOPODIATRIA POR MEIO DE PROJETO DE EXTENSÃO

BRUNA CAVALCANTE CHAVES¹; **BRUNA OLIVEIRA SOUZA²**; **TAMARA RIPPLINGER²**; **EDUARDO DICKIE DE CASTILHOS²**; **TANIA IZABEL BIGHETTI³**

¹*Universidade Federal de Pelotas – bruna.cavalcante.chaves@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – bubu.souzaa@hotmail.com; tamararipplinger@yahoo.com.br; eduardo.dickie@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – taniabighetti@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Para a formação de um profissional cidadão, é importante sua efetiva interação com a sociedade, seja para situar-se historicamente, para identificar-se culturalmente ou para referenciar sua formação teórica com os problemas que terá que enfrentar no dia a dia (ROCHA, 2012).

Assim, sua formação deve ir além da aquisição de conhecimentos técnico-científicos, até porque esses se esvaziam quando não integrados à realidade. Para uma abordagem inovadora, a aprendizagem deve ir além da aplicação imediata, impulsionando o sujeito a criar e responder a desafios, a ser capaz de gerar tecnologias e de manter a habilidade de aprender e recriar permanentemente (SILVA; VASCONCELOS, 2006).

As Diretrizes Curriculares Nacionais de Odontologia (DCN) apontam para a formação do cirurgião-dentista (CD) com um perfil generalista, humanístico, crítico e reflexivo. Os conteúdos programáticos das disciplinas curriculares devem fomentar a reflexão sobre a realidade do acadêmico para uma atuação comprometida com a transformação da sociedade. Por outro lado, a extensão é referida nas DCN como atividade complementar em que mecanismos de aproveitamento de conhecimentos adquiridos pelo estudante devem ser criados pelas instituições, com a opção de incluí-las como parte da carga horária curricular (BRASIL, 2002).

Na perspectiva de operacionalizar a relação entre teoria e prática, a extensão pode funcionar como uma via de interação entre universidade e sociedade. Nela, amplia-se a visão de sala de aula, de espaço de produção teórico-abstrata, onde se realiza o processo histórico e social, no qual professores e acadêmicos são sujeitos do ato de aprender e de produzir conhecimentos no confronto com a realidade (NUNES; SILVA, 2011).

Segundo o Projeto-Político-Didático-Pedagógico da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas (FO-UFFP), o contato de acadêmicos com as disciplinas de Unidade de Clínica Infantil (UCI I e UCI II) acontece nos 7º. e 8º. semestres (BRASIL, 2003).

O projeto de extensão “Ol Filantropia – Odontologia e Instituições Filantrópicas” (Código DIPLAN/PREC 52084046) tem como objetivo desenvolver ações coletivas e individuais de saúde bucal em crianças atendidas em duas instituições filantrópicas do município de Pelotas/RS, além da gestão do serviço odontológico das instituições.

A partir disso, o objetivo desse trabalho é descrever as experiências da inserção precoce de acadêmicos na vertente do projeto voltada à atenção a bebês e crianças até seis anos de idade, fazendo uma reflexão sobre os ganhos na sua formação profissional.

2. METODOLOGIA

As ações foram desenvolvidas na Casa da Criança Lar São Francisco de Paula. As crianças estão divididas em salas em função de suas idades: um berçário (2 anos de idade); três maternais (3 anos de idade); um jardim de infância (4 anos de idade); três pré-escolas nível I (5 anos de idade) e duas nível II (6 anos de idade).

Participam do projeto: uma acadêmica do 2º semestre; uma do 3º semestre; duas do 7º semestre; duas do 10º semestre; e uma pós-graduanda (nível Mestrado em Odontopediatria), supervisionadas por dois docentes da FO-UFPel. As funções das acadêmicas eram determinadas de acordo com seus conhecimentos teórico-práticos e habilidades desenvolvidos durante a graduação.

No ano de 2016, foram realizados exames epidemiológicos (triagem) em todas as crianças das salas de pré-escola e do jardim; para avaliar o risco de cárie dentária, baseado na história de cárie tratada ou não, e na presença ou não de placa visível, gengivite, mancha branca e cavidade ativa ou inativa de cárie. A partir desses dados, cada criança foi classificada de acordo com o risco – sendo A, baixo risco, e F, alto risco; intermediadas por A1, A2, B, B1, C, C1, D e E, como risco moderado. Também foi desenvolvida uma ficha exclusiva para triagem de bebês (berçário e maternais); para o reconhecimento de alterações no freio labial e lingual, na língua, na cor e no cordão do rebordo, e também a ausência ou não de mancha branca, cavidade de cárie e hábitos como uso da chupeta, dedo e mamadeira.

Estes exames permitiram estabelecer as prioridades para atendimento clínico para todas as idades (exodontias, restaurações de resina composta, Tratamento Restaurador Atraumático - TRA), bem como a identificação de casos que necessitavam aplicações terapêuticas de gel fluoretado; além da frequência de acompanhamento dos bebês.

Para todas as crianças foram realizadas escovações dentais supervisionadas, sempre respeitando suas características e estágios de desenvolvimento. Também foram realizadas oficinas com todas as monitoras com o intuito de conscientizá-las da importância da higiene bucal dentro e fora da sala de aula.

Os dados coletados durante os exames foram transferidos para uma planilha única desenvolvida pelos docentes com o uso do programa *Microsoft Office Excel*. As acadêmicas dos semestres iniciais eram responsáveis pelo preenchimento e organização das fichas, e digitação dos dados; além de participarem de todas as atividades (exceto diretamente na assistência odontológica), para que houvesse rotatividade nas práticas e assim adquirir e compartilhar o máximo de conhecimento possível.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram coletados dados de 186 crianças. Dentre esses, 76 utilizaram a ficha de triagem para bebês (turmas do berçário e maternais) e 110 usaram a de risco de cárie dentária (turmas do jardim, pré I e pré II). As acadêmicas dos 2º e 3º semestres ainda não tinham conhecimento de alguns termos e conceitos utilizados na Odontologia. Durante as atividades, tiveram seu primeiro contato com a prática clínica, auxiliando na manipulação de materiais, controle do sugador de saliva, lavagem e processamento de instrumentais para esterilização.

Durante a coleta de dados, escovações, aplicações de flúor e procedimentos clínicos, as acadêmicas dos semestres iniciais puderam aprender também

técnicas para o manejo com crianças, desde a abordagem inicial até como reagir em casos mais extremos. Isto permitirá um melhor aproveitamento dos conteúdos teóricos e práticos nas disciplinas de UCI, quando estas lhes forem apresentadas, bem como uma melhor desenvoltura durante o atendimento, devido às experiências já vivenciadas no projeto.

Sabe-se que das três dimensões constitutivas da universidade, a extensão universitária foi a última a surgir, talvez pelo fato de, em grande parte, se realizar fora das salas de aula e laboratórios, e de forma sistemática e permanente estimular um aprofundamento da discussão sobre a melhor forma de apropriação social do conhecimento, das ciências, das tecnologias (PAULA, 2013).

Assim, destaca-se a importância de disciplinas introdutórias à prática odontológica desde os semestres iniciais do curso de Odontologia, pois elas estimulam a ligação entre teoria e prática (NUNES; SILVA, 2011) de forma mais consolidada e efetiva. Ainda dentro das competências das DCN, a educação permanente visa à relação benéfica e de aprendizado mútuo entre acadêmicos de diferentes semestres e profissionais da área (BRASIL, 2002), o que é bem desenvolvido no projeto.

Além disto, através do projeto foi possível às acadêmicas participarem de um processo de fortalecimento da relação universidade/sociedade, que prioriza a superação das condições de desigualdades e exclusão existentes (NUNES; SILVA, 2011). Através de projetos como este, a FO-UFPel pode socializar seu conhecimento e disponibilizar seus serviços, exercendo sua responsabilidade social que é o compromisso com a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos.

4. CONCLUSÕES

Concluiu-se, portanto, que vivenciar uma extensão na área de Odontopediatria desenvolvida fora da estrutura física da faculdade desde o início da graduação é benéfico e enriquecedor, pois permite a experiência prática dos conteúdos teóricos já aprendidos e que virão a ser desenvolvidos nos próximos semestres. É importante também a vivência dos acadêmicos com realidades diferentes da qual eles se inserem e a chance de dar a essa parcela de crianças mais carentes um retorno, seja ele o atendimento clínico ou um momento de carinho e atenção; além da relação criada entre acadêmicos de diferentes semestres. Por isso, os projetos de extensão se tornam imprescindíveis tanto para a formação profissional, quanto cidadã.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Odontologia. Colegiado de Curso. **Projeto-Político-Didático-Pedagógico – Curso de Odontologia – UFPel**. Pelotas. 2003. 23p.

BRASIL. Portal do Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes Curriculares - Cursos de Graduação. Odontologia**. Resolução CNE/CES nº 3, de 19 de fevereiro de 2002. Acessado em 9 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES032002.pdf>

NUNES, A. L. P. F.; SILVA, M. B. C. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-Estar e Sociedade**, ano IV, n. 7, p. 119-133, 2011.

PAULA, J. A. A extensão universitária: história, conceito e propostas **Interfaces - Revista de Extensão**, v. 1, n. 1, p. 5-23, 2013.

ROCHA, H. H. C. R. A extensão universitária como política pública e o papel da UFPel junto à comunidade: o programa vizinhança. In: **21º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA | 4ª MOSTRA CIENTÍFICA | UFPEL**. Pelotas, 2012.

SILVA, M. S.; VASCONCELOS, S. D. Extensão universitária e formação profissional: avaliação da experiência das Ciências Biológicas na Universidade Federal de Pernambuco. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 17, n. 33, p. 119-135, 2006.